

Suplemento Cultural

Halley Queiroz Leituga, muito a contar



Praça da República e paróquia – Santana do Paranaíba, MS, região dos pioneiros Queiroz e Garcia

LEAL DE QUEIROZ EX-PRESIDENTE DA ASL

Baixou à sepultura, janeiro passado, a criatura a poucos dias de completar cento e quatro anos e que muito tinha a nos encantar com suas lembranças e histórias de família, Halley, ou simplesmente Leí. Nascida em data que o planeta registrou presença, nos nossos céus, do cometa que trazia na cauda a luz, que também iria iluminar toda a sua existência. Na igreja de Nossa Senhora de Fátima de Campo Grande, oramos por ela com o peito apertado, o mesmo sentindo suas três irmãs vivas: Diva, Elza e Robélia.

Minas Gerais sempre povoou nosso Estado com aqueles que procuravam trabalho na terra, cultivando-a para a subsistência na lavoura e na pecuária. Assim, vieram os Garcia e os Queiroz, despedindo-se das suas paragens com destino às áreas mais extensas e praticamente virgens, com luta árdua e penosa, mas com persistência férrea, fazendo nascer uma nova e respeitada região. Sou filho da união do tronco pioneiro de ambos. Santana do Paranaíba foi a região eleita e os Queiroz, deixando sua querida Frutal, aninharam-se nas bandas dos ribeirões Quitéria e Pântano, dando vida à atual e próspera Aparecida do Taboado, pelos idos de 1885. Vieram de carro de boi, três irmãos (Francisco, Urias, José) casados com três irmãs (Maria, Ricarda, Galdina) e

“

Minas Gerais sempre povoou nosso Estado com aqueles que procuravam trabalho na terra, cultivando-a para a subsistência na lavoura e na pecuária. Assim, vieram os Garcia e os Queiroz [...]”

uma adolescente, Filomena, que mais tarde tornou-se esposa de Francisco Neves. É daqui que herdamos Halley Queiroz Leituga, que mais tarde desposou Baldoméro Leituga, figura gentil, sempre pronta a prestar seus bons ofícios àqueles que o demandassem.

Leí e Baldoméro não tiveram filhos. O destino levou o irmão de Leí a casar-se, cuja esposa faleceu após o nascimento de uma filha, que re-

cebeu o nome da avó Filomena. Não ainda estruturado para cuidá-la, seu pai a confiou à Leí para ampará-la, só que esse amparo passou a valer para a vida toda e Filomena neta, para os familiares Meninha, é hoje esposa do Dr. Osvaldo Dutra, descendente de honrada família do Município de Água Clara, médico de alto conceito profissional e social.

Os familiares e amigos assim oraram despedindo-se da inesquecível dama amada e exemplo de virtude, Halley, com quem sempre me encantei:

Quando o amanhã começar sem mim, e eu não estiver lá para ver, se o sol nascer e encontrar seus olhos cheios de lágrimas por mim, eu gostaria que você não chorasse enquanto pensa nas muitas coisas que deixamos de dizer. Sei quanto você me ama e quanto Eu Amo Você, sei que sente minha falta, por favor tente entender que um anjo veio e disse que meu lugar estava pronto nas moradas celestiais quando Deus olhou para mim, sorriu e disse... Estava te esperando, minha filha amada, eis a eternidade que lhe prometi.

Logo, quando o amanhã começar sem mim, não pense que estamos separados, pois todas as vezes que pensar em mim, eu estarei dentro do seu coração.

- É certo que um dia vamos nos reencontrar, Leí...

COBRA VERDE

ARGUS CIRINO

No tempo em que o “velho” gozava de boa saúde – e não vivia de médico para curandeiro, trocando mais de religião do que o Onassis de caviar – ele costumava adentrar o galpão dos peões, no sítio, e contar engraçadíssimos “causos”.

Alegre, jovial, exigente na ocasião precisa, tratava os camaradas mais como irmãos que como empregados. Tanto que muitos deles, quando a safra minguava, o trabalho chegava ao fim, faziam o trecho com certa tristeza. Não raras vezes eles voltavam, em outras oportunidades, à procura de serviço.

E papai, o coração maior que o mundo, os empregava novamente.

Era divertido quando chegava um peão novo no eito, “calouro” nas bandas.

O “velho” saía a lhe mostrar o trabalho a ser feito então.

Levantar uns mourões aqui, entender o arame farpado acolá, roçar o pasto, arar e gradear a terra. Não judiar das palhas de burros. Tanger

o gado sem correr a cavalo atrás das vacas de bezerrinhos novos. Acima de tudo: acerar religiosamente as cercas das divisas, na época, a seu gosto. O acero tinha de ser perfeito. Bem roçado e bem “carpido”. Dois metros de cada lado da cerca. Fazia o dele e defendia-se do vizinho. E aí se o picadão não tivesse os dois metros! O “velho” tinha mais medo de fogo do que o povo de democracia militar. E com justa razão, pois fora exatamente por causa de um fogo que pulara do sítio vizinho para o seu que ele perdera, nos idos de 1950, uma das vistas. No desesperado afã de acabar com o “mau senhor”, uma fagulha traiçoeira o atingia. Desde então, zarolho, ele ficara a fazer pontaria.

E “Zadig” das campinas mostra serviço de cá, inventa moda de lá.

- Tudo pra começá amanhã cedo, tá entendendo?

O peão só fazia balançar a cabeça, concordando, temendo perder aquele “tira-barriga-da-miséria”.

Sempre sério, no final da apresentação do que era preciso ser feito, ele declarava ao empregado neófito:

- Só tem duas coisas que eu não permito aqui. Claro, além daquelas que eu nem preciso lhe dizer. Uma é caçar de espingarda, por causa da criação. A outra coisa que eu proíbo é...

- Ah ele fazia suspense, baixando o tom de voz. O peão, curioso, arregalava os olhos, “maginando” o que seria a segunda proibição.

- ... que matem cobra verde.

O cúmulo do absurdo! Afinal, uma cobra era uma cobra, pouco importando a cor. Mesmo que ela não tivesse veneno, ninguém iria parar para lhe perguntar, antes de começar com as cacetadas. E todos, dentro de uma lógica natural, eram unânimes em retrucar:

- Pru quê, patrão?

Era por isso que o “velho” esperava.

Então ele beneficiava o novo empregado com aquele sorriso largo, prazenteiro, sem sombra de maldade. Gozador apenas. E respondia:

- Pra esperá elas amadurecê.

Daí – bons tempos aqueles! – os dois caíam na gargalhada.

POESIAS

A JUNTA DE BOIS

A junta de bois antiga,
Brochados na mesma canga,
Bebiam água na sanga,
O Café e o Javali.
Seguravam a carreta
Nos lançantes perigosos,
Não eram lerdos, baldosos,
Eu conto porque eu vi.

Nos repechos, puxadores,
Iam lentos, passo a passo,
Não demonstravam cansaço,
Pois, lês digo, sim senhor.
Meu velho pai, carreteiro,
Cortando estrada, cruzava
E nessa junta confiava,

Eram dois bois de valor.

Por essa época, a Júlia,
Era ainda uma menina,
Minha irmã, uma sulina,
Hoje, idosa, mas de pé.
Ainda lúcida e firme,
E quando alguém lhe pergunta,
Qual era o nome da junta?
O Javali e o Café!

(Homenagem a essa irmã, quase centenária)

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

TUDO É AMOR

Às vezes, pensando, eu fico,
nesse cismar me dedico
a indagar de onde eu vim
sem saber para onde vou

mas eu mesmo me respondo:
vim do AMOR, vou para o AMOR

vim do AMOR de meus pais
que não morre jamais

vou para o AMOR de meus filhos
nesse eterno estribilho
de que tudo é AMOR
numa constante de PAZ.

PAZ é AMOR
AMOR é PAZ!

JÚLIO GUIMARÃES

GENEROSO

RAQUEL NAVEIRA

Bela Vista é um lugar onde acontecem coisas incríveis, ponderava tio Pila. Um lugar onde o natural e o sobrenatural se cruzam a todo o instante. Mundos paralelos que se fundem numa só realidade.

Passou por essas bandas um peregrino, eremita, meio monge, meio santo. Dizem que veio lá da revolução do Sul. Todos o chamaram Generoso. Tinha gente que punha a maior fé no Generoso, porque ele orava, curava doenças com chás de raízes, dava conselhos muito sábios.

Um dia, desapareceu como por encanto. Ninguém mais o viu com sua panelinha mágica, seu oratório com imagens de Jesus, José e Maria. Aí começaram os

boatos: que ele tinha virado fantasma, que ficava à noite, à beira do rio, horas e horas ajoelhado, os ombros cobertos com uma capa de couro.

Uma noite tive de passar pelo rio. Estava escuro. Senti a traseira de o animal abaixar, de repente. Perguntei: Que é isso? Ouvi no meu cangote uma voz: sou eu, seu Pila, o Generoso. Não olhei para trás, que não sou louco.

Desabalei na corrida até o sítio. Não me olhe assim, menina, não duvide de nada, que seu tio já viu muita coisa nesse mundo.

Depois, o tio, com ar divertido, dirigiu-se ao laranjal, deitou na rede e dormiu um sono tranquilo. O corpo magrinho balançando sob as folhas.

3 Casos de dr. Lacerda

EDUARDO MACHADO METELLO

O dr. João de Lacerda Azevedo, desembargador aposentado, companheiro durante muitos anos no escritório de advocacia, era meu verdadeiro amigo.

Sereno, tranquilo, de uma honestidade a todo risco, tinha da vida uma visão profunda e humana. Faleceu, há alguns anos, do coração.

A sua perda nos deixou uma lacuna terrível. Sinto falta, até hoje, dos seus conselhos e ponderações.

Certa vez, acompanhando a conversa mantida com um peão, que estava querendo dinheiro adiantado, falou: – Metello, a pior coisa que se pode fazer é dar dinheiro adiantado ao trabalhador. Na Bahia, costumava-se comentar o fato de o peão suar durante o mês inteiro para saldar a sua dívida. É um trabalho desanimador. Não rende. Cansa e enjoa.

E concluía a observação: – Lá, chama-se a esse serviço, para pagar conta, de trabalho de cão!

- Isso vem de berço – disse Fagundes a respeito de certo po-

lítico. – O pai já era assim: sa-lafrário, preguiçoso, ladrão. E ele – concluiu – conheço desde menino: nunca prestou!

- É a tal história – contei – Pau que nasce torto morre torto.

O dr. Lacerda, participando da conversa, rematou: – Pois na Bahia completamos esse ditado, para mostrar que, mesmo depois da morte, os efeitos perniciosos de quem não presta perduram. Lá se fala: – Pau que nasce torto, até a cinza é torta...

Discutia eu a necessidade de ter, no Sindicato Rural, uma assessoria de imprensa.

Era necessário divulgar o que estava sendo feito, menos para descartar o trabalho da diretoria do Exército, marchando, aqui em frente do escritório, possivelmente não teríamos conhecimento do fato. Agora, se passar apenas um pelotão, batendo e tocando corneta, todos nós iremos para a janela, para ver o que está acontecendo.

E concluiu risonho: – É preciso trombetear!